

Maria Regina Barcelos Bettiol

A HERANÇA JESUÍTA RESSIGNIFICADA NO GRANDE PROJETO DA ILUSTRAÇÃO

RESUMO

Como temos notícia, muitos dos filósofos da ilustração estudaram em colégios jesuítas, são herdeiros de uma formação intelectual inaciana. Os enciclopedistas não apenas refutaram as lições do ex-professores, mas procuram ressignificá-las no grande projeto da ilustração. Em outras palavras, não houve apenas uma ruptura com o passado e sua tradição, mas, em certos aspectos, uma continuidade das ideias jesuítas adaptadas às transformações que ocorreram no contexto social e político da França do século XVIII. Se no passado os jesuítas se declararam inimigos dos filósofos da ilustração, hoje o Papa Francisco parece ter conciliado antigos adversários pois tem defendido, em seus discursos, um “jesuitismo mais iluminado”, recuperando muitas das ideias defendidas pelos filósofos da ilustração, um discurso mais em sintonia com as expectativas dos fiéis do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Jesuitismo-Herança; Ilustração; Discurso; Papa Francisco.

THE RESSIGNIFIED JESUIT INHERITANCE IN THE GREAT PROJECT OF THE ENLIGHTENMENT

ABSTRACT

As we know, many of the Enlightenment philosophers studied in Jesuit colleges, they are heirs of an Ignatian intellectual formation. Encyclopedists not only refuted their ex-teachers' lessons, but sought to re-signify them in the great project of the Enlightenment. In other words, there was not only a rupture with the past and its tradition, but, in some aspects, a continuity of Jesuit's ideas adapted to the transformations that occurred in the social and political context of the Eighteenth-century France. If in the past, the Jesuits declared themselves enemies of the philosophers of the Enlightenment, today Pope Francis seems to have reconciled old adversaries because he has defended, in his speeches, a more "enlightened Jesuitism", recovering many ideas advocated by the philosophers of illustration, a speech more in tune with expectations of the believers of the contemporary world.

Keywords: Jesuitism; Heritage; Enlightenment; Speech; Pope Francis.

LA HERENCIA JESUITA RESIGNIFICADA EN EL GRAN PROYETO DE LA ILUSTRACIÓN

RESUMEN

Como tenemos noticias, muchos de los filósofos de la ilustración que estudiaron en colegios jesuitas son herederos de una formación intelectual ignaciana. Los enciclopedistas no sólo refutaron las lecciones de los ex-profesores, pero buscan resignificarlas en el gran proyecto de la ilustración. En otras palabras, no hubo sólo una ruptura con el pasado y la tradición, pero, en cierto modo, una continuación de las ideas jesuitas adaptadas a los cambios que se han producido en el contexto social y político de la Francia del siglo XVIII. Si en el pasado los jesuitas expresaron ser enemigos de los filósofos de la ilustración, hoy el Papa Francisco parece haber reconciliado adversarios antiguos puesto que ha defendido, en sus discursos, un "jesuitismo más ilustrado", recuperando muchas ideas defendidas por los filósofos de la ilustración, un discurso más acorde con las expectativas de los fieles del mundo contemporáneo.

Palabras clave: Jesuitismo-Herencia- Ilustración-Discurso-Papa Francisco.

Desde a fundação, em 1540, por Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus lançou seus “soldados de Cristo” por todos os continentes. Desembarcavam de suas naus, impulsionados por uma fé e uma energia invencíveis. Hábeis reformadores, tiveram um papel de destaque na Contrarreforma: onde se instalaram, disseminaram suas ideias - um Cristianismo adaptado ao mundo, à cultura local de cada país e audaciosamente engajado no debate político. Foram os maiores conquistadores, pois, antes de conquistarem territórios, conquistavam seus habitantes, através de uma “infiltração cultural” - ou, melhor dizendo, de uma política de transferência cultural, afirmando-se como agentes de transição entre a(s) cultura(s) do Velho Mundo e a(s) do Novo Mundo.

A Escritura do Intervalo: A Poética Epistolar de Antônio Vieira

Maria Regina Barcelos Bettiol

Não é fácil dizer em que consiste exatamente o projeto das Luzes e isso por duas razões. Primeiro, as Luzes são uma época de conclusão, de recapitulação, de síntese - e não de inovação radical. As grandes ideias das Luzes não tem origem no século XVIII; quando elas não vêm da Antiguidade, trazem os traços da Idade Média, do Renascimento e da época Clássica. As Luzes absorvem e articulam opiniões que, no passado, estavam em conflito. É por isso que os historiadores quase sempre observaram que é preciso dissipar algumas imagens convencionais. As Luzes são ao mesmo tempo racionalistas e empiristas, herdeiras tanto de Descartes como de Locke. Elas acolhem os Antigos e os Modernos, os universalistas e os particularistas; possuem um forte apreço por história e eternidade, detalhes e abstrações, natureza e arte, liberdade e igualdade. Os ingredientes são antigos, no entanto sua combinação é nova: eles foram não somente combinados entre si, mas também - e isso é

essencial - é no movimento das Luzes que essas ideias saem dos livros para passar ao mundo real.

O Espírito das Luzes

Tzvetan Todorov

A Companhia de Jesus fundada por Inácio de Loyola é uma das mais poderosas ordens da Igreja Católica. Os jesuítas, ou soldados de Cristo, como são chamados, conquistaram mais do que homens, conquistaram territórios, foram mais do que homens de fé, foram grandes conquistadores.

Com todas as ressalvas que possamos fazer ao *modus operandi* jesuíta, a maneira como conduziram o processo de conversão dos gentios - quase sempre à sombra de espadas -, o fato é que sem a epopeia jesuíta, sem o empenho desses grandes e corajosos conquistadores que desbravaram novas terras e de seus inestimáveis registros, que hoje elucidam parte do nosso passado, a História da Humanidade certamente teria sido outra.

Sabemos que os jesuítas foram professores de muitos dos filósofos das Luzes que frequentaram os seus colégios. Muitos desses filósofos foram moldados pela educação jesuíta¹. Contudo, com o advento do Movimento, a relação entre mestres e ex-alunos tornou-se bastante ambígua. Em outras palavras, o Movimento das Luzes defendeu a restrição do poder religioso e político dos jesuítas em muitos aspectos, mas apesar das inúmeras divergências, os iluministas nunca deixaram de reconhecer a importância da herança religiosa, cultural e política dos jesuítas, uma herança que foi repensada de forma crítica e ressimbolizada no grande projeto da Enciclopédia².

Neste limiar do século XXI, com a eleição do Papa Francisco, mais uma vez os jesuítas estão na ordem do dia. Todos os holofotes do mundo estão voltados para o primeiro Papa jesuíta da história que ironicamente tem defendido em seus discursos ideias que foram defendidas pelos filósofos da Ilustração. O Papa Francisco parece ser adepto de uma corrente de pensamento que ousamos denominar de “jesuitismo iluminado”, ou seja, em que fé e razão andam juntas, um jesuitismo guiado por uma razão e por sentimentos de fraternidade universal, mais tolerante e em sintonia com os grandes debates do mundo contemporâneo.

1. OS JESUÍTAS: OS GRANDES CONQUISTADORES

AD MAIOREM DEI GLORIAM

Inácio de Loyola

Ao contemplarmos os painéis do artista italiano Andrea Pozzo na Igreja de Santo Inácio³, em Roma, deparamo-nos com a biografia de Inácio de Loyola narrada em pintura. O fundador da Companhia de Jesus é retratado como um homem forte, destemido, guerreiro, estrategista e extremamente audacioso, mas também como um grande conquistador, característica esta que define os jesuítas. Entre tantos talentos e habilidades, podemos afirmar com convicção que os jesuítas são hábeis conquistadores.

Desde a fundação da Ordem, em 15 agosto de 1534, Inácio de Loyola já anunciava que os seus “soldados de cristo” escreveriam um grande capítulo da História da Humanidade, seriam protagonistas de grandes mudanças e deixariam um rico legado.

Inácio de Loyola demonstrou a sua imensa competência ao redigir as suas *Constituições* (1554), que deram origem a uma organização extremamente disciplinada, com respeito à hierarquia, inclusive ao Papa. Essa organização administrativa da Companhia de Jesus foi fundamental para sua expansão no mundo e para destacar-se no âmbito da Contrarreforma Católica. No dizer do historiador Eduardo Bueno:

Despojados ou argentários? Escravocratas ou liberais? Libertinos ou libertários? Santos ou Santarroses? (...) Sem eles, a empresa colonial teria outros rumos e outros destinos-quais, é difícil supor. Julgar o conjunto da obra jesuíta à luz de conceitos atuais, porém, é incorrer em erro tão gritante quanto o dos próprios padres quinhentistas em sua pretensão em avaliar a mentalidade e os costumes indígenas de acordo com as crenças e os dogmas da Europa de fins do século XVI-uma época marcada pela intolerância religiosa, pelo etnocentrismo e, acima de tudo, pela Contrarreforma (BUENO, 1996, p. 48).

Ao revisitarmos a História da Companhia de Jesus, percebemos que rapidamente os colégios jesuítas

se multiplicaram em toda Europa e em outros continentes. Para que esse esforço pedagógico não se perdesse, os jesuítas tentaram definir princípios comuns e eis que foi criada em 1593 a *Ration Studiorum*, que nada mais é do que um plano de estudos que se tornou a base da educação jesuíta⁴.

No decorrer dos séculos, observamos que o sistema pedagógico jesuíta é proativo, isto é, sustentado por uma ideologia humanista de confiança no homem e fé em Deus, tendo, portanto, uma preocupação com a educação humana e espiritual da juventude.

Na verdade, ao lermos as pesquisas de Demoustier (1997), constatamos que os jesuítas criaram o primeiro sistema educativo que o mundo conheceu. Esse plano de estudos é tão bem organizado que deve ser reavaliado e atualizado em intervalos regulares, adaptando-se a evolução dos costumes e das mentalidades, assim como as circunstâncias delugar, culturas e pessoas.

Mesmo que após uma análise detalhada se possa fazer críticas à pedagogia jesuíta, afirmar que esse tipo de pedagogia é orientada para propaganda religiosa é um meio da ordem exercer a sua influência política. Para autores como François de Dainville (1978, p. 570), a contribuição dos jesuítas para a História da Educação foi fundamental, uma vez que precisamos primeiramente analisar o modelo de educação da *Ratio Studiorum* para compreendermos a gênese do nosso sistema de educação.

Pela disseminação dos seus evangelizadores em diversos países distantes, por essa imbricação nos negócios públicos e privados tão à moda jesuíta, pela utopia que conseguiram construir no Paraguai, pelo poder, prestígio e influência que alcançaram ao longo dos séculos, os jesuítas não conquistaram apenas territórios e fiéis, conquistaram igualmente muitos inimigos não menos poderosos que tentaram extinguir a ordem desde a sua fundação.

Para muitos estudiosos, como por exemplo Karl Arenz (2014)⁵, podemos falar em um projeto de teocracia jesuíta em que o poder temporal é posto a serviço do religioso. Esse projeto fez com que os jesuítas fossem vistos com certa desconfiança, inclusive por outras ordens religiosas, e tidos como suspeitos pela Inquisição, mas principalmente esse projeto desagradou muitos governantes, o que posteriormente resultou na extinção da Companhia de Jesus.

2. O PROJETO DA ILUSTRAÇÃO

Nossa época é a época da crítica, à qual tudo tem de submeter-se. A religião, pela sua santidade, e a legislação, pela sua majestade, queremos igualmente subtrair-se a ela. Mas então suscitam contra elas justificadas suspeitas e não podem aspirar ao sincero respeito, que a razão só concede a quem pode sustentar o seu livre e público exame.

Crítica da Razão Pura

Immanuel Kant

A pintura a óleo sobre tela de Anicet-Charles Lemonnier intitulada *Filósofos iluministas reunidos no salão de Madame Geoffrin* ilustra a nova ordem que se anunciava com o surgimento da Enciclopédia⁶, ordem esta que reivindicava o acesso ao patrimônio das ideias, isto é, ao conhecimento que antes fazia parte do domínio da Igreja e de uma pequena elite intelectual⁷. O quadro retrata o encontro de partidários da ilustração, de homens de letras que desejavam construir um mundo cujo emblema era “ousar pensar por si mesmo”.

No século XVIII, os Iluministas se debruçaram sobre o grande projeto enciclopédico:

No deslumbramento da taxionomia, abriram novos espaços de enunciação: pensaram, falaram, nomearam, instalaram classificações, distribuíram conhecimentos por identidade, similitude e analogia; democratizaram as palavras e as coisas, trabalharam de forma que novos conhecimentos viessem a se depositar na Enciclopédia. O método iluminista propõe uma nova visada sobre os conhecimentos adquiridos e a inserção de outros, recém-descobertos. Denis Diderot, Jean d’Alembert e seus colaboradores “restauraram conceitos” e tiveram uma outra experiência com a linguagem, mediante suas observações e recepção de ideias estrangeiras. O resultado imediato da Enciclopédia é um contradiscurso, isto é, uma linguagem que vem para instaurar novos poderes (BETTIOL & HOHLFELDT, 2009, p.11).

Como sabemos, as antigas enciclopédias obedeciam a certos regimes teóricos impostos pelos censores, pelos detentores do *status quo*. Os iluministas substituíram esses antigos regimes por um outro embasamento teórico, que resultou numa outra fundamentação discursiva. Logo, surgiu uma outra compreensão na relação do homem com os saberes, com as palavras e as coisas. Os partidários da ilustração acabaram com as ilusões a saber, com a pseudoinocência do ato de nomear.

Bettiol e Hohlfeldt (2009, p. 12) esclarecem que as enciclopédias que circulavam, até então, negligenciavam de forma regulada toda diferença e toda identidade que não recaísse sobre a estrutura privilegiada, que não se assentasse a esses regimes teóricos, que tentavam perpetuar um sistema de continuidade da representação do social, desfazendo, assim, todo o espaço retórico, e evitando dar margem a outros significados.

Os partidários da ilustração romperam com uma tradição de pensamento quando reivindicaram o direito hermenêutico sem a mediação dos censores ou de quaisquer outras instâncias de poder; quando denunciaram a violência de significação imposta à coletividade; a tentativa de estabilizar o sentido ou de perpetuar a manutenção de uma ordem social. Sendo assim, fundaram uma “nova mentalidade” e deram início a uma Nova Ordem, que seria ratificada pela Revolução Francesa⁸.

O pensamento iluminista teve grandes consequências no pensamento ocidental: ele modificou a *episteme* da cultura em suas disposições fundamentais. Essas alterações no campo da representação fizeram emergir novas sociedades, baseadas em novos projetos de representação.

Ainda conforme Bettiol e Hohlfeldt (2009, p. 10-11), aspectos como autonomia, laicidade, verdade, humanismo e universalidade caracterizam o movimento da Ilustração. Vamos agora analisar em detalhe cada um desses aspectos citados e que provocaram acirrados debates entre os filósofos da ilustração e os jesuítas.

Devemos primeiramente destacar o conceito de autonomia que foi tão defendido pelos filósofos da ilustração. A autonomia é a faculdade que cada indivíduo tem de pensar e de agir por si mesmo, de se liberar das tutelas herdadas do passado. A tradição constitui um

ser humano, mas não é suficiente para legitimar o que quer que seja: é necessária à razão. O homem não é apenas formado por uma tradição, mas por vontades e desejos, nesse sentido nenhum dogma é sagrado. Todoro sublinha que a primeira autonomia conquistada é a do conhecimento. Devemos partir do princípio de que nenhuma autoridade, por mais bem estabelecida e prestigiosa que seja, está livre de crítica (TODOROV, 2008, p. 16).

Logicamente, o conceito de autonomia desenvolvido pelos filósofos da ilustração é um dos primeiros pontos de divergência com os Jesuítas, uma vez que os enciclopedistas não aceitavam qualquer tipo de tutela, sobretudo religiosa:

É a religião que se dirigirá a maior parte das críticas. Visando tornar possível que a humanidade tome nas mãos seu próprio destino. Trata-se, todavia, de uma crítica focada: o que se rejeita é a submissão da sociedade ou do indivíduo a preceitos cuja única legitimidade advém daquilo que uma tradição atribui aos deuses ou aos ancestrais; não é mais a autoridade do passado que deve orientar a vida dos homens, mas seu projeto para o futuro (TODOROV, 2008, p. 15-16).

Dentre os filósofos da ilustração, um dos que mais atacou a ordem jesuíta foi Jean Roland d'Alembert. Apenas a título de exemplo, citamos um trecho da carta datada de 4 de maio de 1762 endereçada a Voltaire em que D'Alembert ironiza a extinção da Companhia de Jesus:

O que me parece singular é que a destruição desses fantasmas, que imaginávamos tão temíveis, se faça com tão pouco estardalhaço [...] As pessoas contentam-se, em geral, em gracejar a seu respeito. Dizem que Jesus Cristo é um pobre capitão reformado que perdeu sua companhia (D'ALEMBERT apud LACOUTURE, 1998, p. 478).

Obviamente, os filósofos da ilustração foram mal interpretados, pois nunca pregaram o fim da religião,

como alegaram alguns eclesiásticos, mas uma nítida separação entre a religião e o Estado. Dito de outra forma, a religião sai do Estado sem abandonar o indivíduo: "A grande corrente das Luzes não pleiteia o ateísmo, mas a religião natural, o deísmo, ou uma de suas numerosas variantes [...] não tem por objetivo recusar religiões, mas conduzir a uma atitude de tolerância e à defesa da liberdade de consciência" (TODOROV, 2008, p. 15-16).

No que diz respeito à laicidade, Bettiol e Hohlfeldt (2009, p. 10) explicam que os partidários da ilustração recusam todo o poder sobrenatural, crenças e superstições que foram substituídas pela pesquisa científica, pelo conhecimento, reivindicando o livre-arbítrio e o direito do homem em buscar sua felicidade na terra.

Igualmente interessante é o conceito de verdade elaborado pelos iluministas. Segundo Bettiol & Hohlfeldt (2009, p. 10), para os iluministas a verdade não é um bem transcendental, mas algo que se deve procurar constantemente. O poder não é da mesma ordem do saber, transmitir valores não é da mesma ordem que instruir fatos. A verdade é procurada segundo os métodos da razão, ou seja, pensar, questionar o senso comum e pesquisar a verdade são liberdades que devem ser concedidas ao homem.

No que toca à questão humanista, a base do projeto defendido pelos filósofos é a educação. Nas palavras de Bettiol & Hohlfeldt (2009, p. 10), a democratização do ensino, a luta por uma educação pública e laica, acessível a todos, a criação de enciclopédias dirigidas ao grande público, a educação favorecida em todas as formas eram metas dos iluministas.

E, por fim, a questão da universalidade, também muito debatida entre os filósofos da ilustração. Os enciclopedistas tinham curiosidade em relação aos costumes de outros povos, as Luzes pregavam a universalidade de valores como a paz e a educação, mas sempre respeitaram as culturas locais e a soberania dos povos. Raciocinar não consiste somente em se ter a razão, mas também em se colocar no lugar do outro para melhor compreender sua posição.

Todos os princípios mencionados: autonomia, laicidade, verdade, humanismo e universalidade estão interligados e promovem a igualdade entre os homens. Não visão dos filósofos da Ilustração, a igualdade é sus-

tentada pelo direito natural e por esse princípio ninguém está acima da lei, todos são iguais perante a lei, como dirá Jean Jacques Rousseau.⁹ Logo, homens e mulheres, pobres e ricos, religiosos e laicos, todos têm direito à vida:

Todo ser humano tem direito à vida; então a pena de morte é ilegítima, mesmo quando atinge um criminoso que matou: se o assassinato privado é um crime, como o assassinato público deixaria de sê-lo? Todo ser humano tem direito à integridade de seu corpo; então a tortura é ilegítima, mesmo quando é praticada em nome da razão de Estado [...]. Se todos os seres humanos possuem um conjunto de direitos idênticos, decorre que sejam iguais em direito: a demanda de igualdade decorre da universalidade. Ela permite empreender combates que continuam em nossos dias: as mulheres devem ser iguais aos homens perante a lei; a escravidão abolida, a alienação da liberdade de um ser humano não pode jamais ser legítima; os pobres, os excluídos, os marginais, reconhecidos em sua dignidade, e as crianças, consideradas como indivíduos (TODOROV, 2008, p. 21).

Por todas as razões aqui expostas, logicamente que a Igreja Católica tornou-se inimiga deste projeto de sociedade secular idealizado pelos filósofos da ilustração, pois na crítica das Luzes a Igreja é apenas um instrumento a serviço do poder temporal¹⁰. Assim, a Igreja considerou a Enciclopédia uma ameaça aos dogmas católicos, considerando-a uma heresia e inserindo-a no *Index Librorum Prohibitorum*.

Vale mencionar que, mesmo entre os filósofos da Ilustração, sempre houve discordâncias e diversas vezes eles se desentenderam, mas permaneceram unidos pelo princípio de que nenhuma ideia está isenta de ser criticada, de que nenhuma escolha é unânime e de que a discussão é extremamente positiva, pois significa o contrário da indiferença e da dominação. Não foram poucas as vezes que alertaram para o fato das relações potenciais que se poderiam estabelecer entre o esplendor da liberdade e o surgimento de novos

totalitarismos. Os filósofos da ilustração tinham plena consciência de que a razão tanto pode servir para fins nobres quanto ignóbeis.

Assim, todos esses princípios reivindicados pelo Movimento das Luzes são essenciais para nossa modernidade. A liberação do conhecimento teve desdobramentos importantíssimos no mundo intelectual, político e artístico. As Luzes fundaram a democracia (igualdade dos indivíduos e soberania dos povos) e proclamaram a fraternidade universal.

3. DA EXTINÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS AO PAPA FRANCISCO: O RETORNO DOS JESUÍTAS

Queria reflectir convosco sobre o direito à liberdade religiosa. É um direito fundamental que dá forma ao nosso modo de como interagimos social e pessoalmente com os nossos vizinhos que têm crenças religiosas diferentes das nossas. O ideal do diálogo inter-religioso onde todos os homens e mulheres de diferentes tradições religiosas podem dialogar sem lutar. É isso que dá a liberdade religiosa. A liberdade religiosa implica o direito de adorar a Deus, mas vai para além disso, transcendendo os lugares de culto e a esfera dos indivíduos e das famílias.

Encontro Sobre a liberdade religiosa¹¹ Papa Francisco

A Capela Sistina decorada pelos belíssimos afrescos dos grandes artistas da Renascença, como Michelangelo, Rafael, Bernini e Sandro Botticelli foi palco de mais uma eleição papal no dia 13 de março de 2013. Nesse memorável dia, o cardel argentino Jorge Mario Bergoglio tornou-se o primeiro papa jesuíta da história. O tão aguardado sim pronunciado por Bergoglio ecoou como mais uma vitória da ordem Jesuíta, que, depois de séculos de espera, elegeu um Papa que ficará para sempre conhecido na História da Humanidade como Papa Francisco. A eleição de Francisco fez com que, mais uma vez, a “Lenda Negra” retornasse ao centro do poder.

Ao contemplarmos a cena do jesuíta Francisco sendo aclamado Papa, não poderíamos deixar de lem-

brar que a mesma Companhia de Jesus foi extinta no século XVIII. Já no século XVII, a hegemonia da ordem começou a ser questionada com a criação do Estado Nacional centralizado e burocrático, onde se operou a laicização do poder. É preciso recordar que Richelieu, Mazarino e Luis XIV estiveram à frente da criação do Estado Nacional. Nas palavras de Lacouture:

A companhia de Jesus esbarra nos ferrolhos nacionais. Evidentemente, ela tenta sempre adaptar-se [...]. Então, a internacional jesuíta que, por sua estrutura, por uma vocação universalista e policultural, pelos princípios de seu ensinamento, de sua pregação, ou mesmo seu “laxismo”, teve de se apresentar como aliada natural do filosofismo e tratar em pé de igualdade todos os “déspotas esclarecidos”, entrou em conflito com a Enciclopédia e todos aqueles que a consideravam sua bíblia. O novo tipo de Estado autoritário revelou-se alérgico a todo empreendimento transnacional, ou por colidir, com seus interesses diretos, como os jesuítas na América hispano-portuguesa, ou simplesmente com o funcionamento do mecanismo social e cultural, como no caso da Sociedade na França. A chave da questão não é “filosófica”, mas política (LACOUTURE, 1998, p. 464-465).

Na análise de Fabre e Maire (2010), o século XVIII herda grande parte das polêmicas dos séculos anteriores em relação aos jesuítas, especialmente o antijesuitismo político¹². Entretanto, apesar das perseguições em vários países, o movimento antijesuíta deve também ser pensado de forma pontual e local.

Para além do Movimento da Ilustração que questionava e combatia abertamente os jesuítas, o antijesuitismo político é fomentado particularmente por Sebastião José de Carvalho e Melo, vulgo Marquês de Pombal¹³. Segundo Câmara (1957, p. 275), desde 1760, Pombal foi um dos primeiros a lançar artilharia contra os jesuítas, que acabaram sendo expulsos de Portugal e do Brasil, Pombal fechou os colégios jesuítas e confiscou os bens dos inicianos¹⁴.

Embora Pombal defendesse algumas das ideias disseminadas na Enciclopédia, o pomo da discórdia

entre Pombal e os jesuítas eram as missões e as colônias portuguesas. Muitos filósofos da Ilustração, entre eles Voltaire, logo se aperceberam do que a “mão poderosa” de Pombal era capaz de fazer: prisões arbitrarias sem julgamento e mandar matar seus inimigos, como foi o caso do Padre Malagrida, que foi condenado à fogueira sob a falsa acusação “heresia”. “O suplício do velho jesuíta foi denunciado por Voltaire como uma ignomínia” (LACOUTURE, 1994, p. 468).

Câmara (1957, p. 275) assevera que, no resto da Europa, não foi diferente. Mesmo com todos os apelos do Papa, em França os jansenistas, galicanos e voltaireanos fizeram uma campanha para exterminar os jesuítas. Luís XV, instigado por seu ministro absolutista Choiseul e Madame de Pompadour, também expulsou a Companhia de Jesus da França em 1764. Ainda no dizer de Câmara (1957, p. 277), em Espanha o ministro de Carlos III, Aranda, intrigou os jesuítas com o rei, acusando-os de defenderem a independência das colônias e de levantarem dúvida sobre a legitimidade do nascimento do rei. Por todas essas razões, Carlos III mandou prender os jesuítas em 1767.

Para historiador José Eduardo Franco, o fenômeno conhecido como antijesuitismo nasce juntamente com a fundação da Companhia de Jesus, devendo ser compreendido a nível internacional:

O antijesuitismo, a nível internacional, constitui um fenômeno e um movimento religioso, cultural e sociopolítico, tão antigo quanto a própria Companhia de Jesus [...]. Na realidade, o fenômeno do antijesuitismo sendo tão antigo e primordial como a Ordem de Santo Inácio, também é um fenômeno que acompanha a expansão dos Jesuítas por toda a Europa e, mais ainda, por todo o mundo onde os Padres da Companhia chegaram cumprindo o seu programa constitucional de carácter orbícula, que tinha por fim levar o reino de Cristo a todo o universo (FRANCO, 2012, p. 9-10).

Devido à pressão política, a bula de supressão e extinção da Companhia de Jesus foi editada em 21 de julho de 1773 e assinada pelo Papa Clemente XIV.

Entretanto, tem-se a falsa impressão de que a ordem permaneceu extinta até a sua restauração em 1814 pelo Papa Pio VII, hipótese esta que o historiador Pierre Antoine Fabre contesta. No parecer de Fabre (2012),¹⁵ em pesquisas recentes sobre a historiografia do século XVIII, ficou comprovado que a Companhia de Jesus sobreviveu parcialmente durante o período da sua supressão.

No período em que a Ordem Jesuíta permaneceu “extinta,” os então considerados “ex- jesuítas” não deixaram de trabalhar nos bastidores pela restauração da Companhia de Jesus. Os continuadores de Santo Inácio estiveram preparando meticulosamente o seu retorno ao poder, a ordem subexistiu clandestinamente renascendo das próprias cinzas. A favor dos jesuítas, o discernimento,¹⁶ uma característica que sempre foi determinante para os inicianos, que sempre foram profundos conhecedores das armadilhas do poder e que foram, pouco a pouco, gestando as bases de uma “Nova Companhia de Jesus” mais adaptada aos novos tempos que estavam surgindo.

Essa situação perdurou até que os ventos começassem a soprar em outra direção: “Dezoito anos mais tarde, à morte do rei, Pombal foi derrubado do poder, exilado em suas terras, depois condenado por abuso de poder – e obrigado a devolver os bens dos jesuítas (LACOUTURE, 1998, p. 468). Com a queda de Pombal, os jesuítas não apenas recuperaram os seus bens materiais, mas começaram também a recuperar o seu prestígio e o seu poder. Os “homens de negro” começaram a ocupar novamente o seu lugar no xadrez do poder ou para empregarmos uma expressão jesuíta, retornaram “ao teatro do mundo”. Durante os séculos subsequentes (XIX e XX), o êxito dos jesuítas foi visível. Sabe-se que a Companhia de Jesus voltou a crescer enormemente.

No século XXI, a Ordem Jesuíta conseguiu eleger o Papa Francisco, Chefe da Igreja Católica e Chefe do Estado do Vaticano. Francisco inicia o seu papado com grandes desafios e promessas de mudança no seio da Igreja Católica. Em poucas palavras, a Igreja está sob a liderança de um jesuíta cuja palavra tem força e representatividade junto à comunidade internacional.

Ao discursar para milhares de pessoas, Francisco tem reforçado algumas máximas jesuítas, a primeira

delas a presença jesuíta no mundo, a necessidade da Ordem “estar presente no mundo”, nos grandes debates da humanidade. Francisco, como aliás todo bom jesuíta, é um grande oradore tem adaptado o seu discurso aos diferentes países e culturas. O “novo pastor de Cristo” tem obtido êxito em sua jornada, com seus eloquentes discursos tem conquistando “novas ovelhas para o seu rebanho”. Não resta dúvida de que o sumo pontífice goza de imensa popularidade e tornou-se uma das celebridades mais conhecidas no mundo.

A princípio, ao passarmos em revista a sua biografia¹⁷, trata-se de mais um típico jesuíta, muito bem preparado intelectualmente para agir no mundo. Resumidamente, devemos mencionar que o Papa Francisco ingressou na Companhia de Jesus em março de 1958, graduou-se em Filosofia (1960) pela Universidade Católica de Buenos Aires e em Teologia (1969) e ensinou Literatura e Psicologia no Colégio Imaculada na Província de Santa Fé. Em 1973 foi eleito superior provincial dos jesuítas na Argentina. Além disso, foi reitor da Faculdade de Filosofia e Teologia de San Miguel e fala fluentemente italiano, alemão, francês e inglês. Como não poderia deixar de ser diferente, recebeu uma excelente educação.

Todavia, ao acompanharmos a sua trajetória nesses poucos anos de papado, percebemos que o filósofo e o teólogo Francisco parecem dialogar de uma forma um pouco diferente, isto é, procurando conciliar a razão e a fé. Em seus discursos, encontramos alguns princípios da filosofia iluminista, algumas das bandeiras levantadas pelo Movimento das Luzes, princípios estes que estão presentes em seus discursos, o que explica, em certa medida, a sua grande popularidade.

Em um dos seus discursos mais conhecidos, proferido em 26 de setembro de 2015 na cidade de Filadélfia (Estados Unidos), Francisco presidiu o encontro sobre liberdade religiosa¹⁸:

Fazer memória permite não fazer os erros do passado, as diferentes religiões devem unir-se pela paz e pela tolerância [...]. Num mundo onde as diferentes formas de tirania moderna procuram suprimir a liberdade religiosa, ou reduzi-la a uma subcultura sem direito a voz na esfera pública, ou ainda usar a religião como

pretexto para o ódio e a brutalidade, torna-se forçoso que os seguidores das diferentes religiões unam a sua voz para invocar a paz, a tolerância, o respeito pela dignidade e os direitos dos outros.

Existe um firme propósito por parte do Papa Francisco, e conseqüentemente da Igreja Católica, em não repetir os mesmos erros do passado. Há alguns séculos, um jesuíta que pregasse a liberdade religiosa seria considerado um herege e provavelmente punido com a morte.

O atual sucessor de São Pedro conservou uma qualidade que é também característica dos jesuítas, a de ser um grande desencadeador de polêmicas. Mesmo sendo oficialmente contrário ao aborto, à eutanásia, ao casamento de pessoas do mesmo sexo e ao divórcio, encontramos em seus discursos uma tolerância a todos aqueles cujo comportamento não se enquadra nas leis canônicas da Igreja. Francisco defende igualmente a participação das mulheres na sociedade, já que em muitos países as mulheres ainda são muito marginalizadas.¹⁹

Ainda que Francisco não tenha rompido com as principais posições doutrinárias da Igreja Católica, pediu aos sacerdotes discernimento pessoal e pastoral para avaliar cada caso, sem julgamentos demasiado rígidos. Dito de outra forma, o Papa tem pregado acolhimento a esses fiéis, evitando discriminá-los.

Já em relação à política internacional, observa-se que Francisco está procurando promover o diálogo entre os governos, promover uma “cultura do encontro”, para que as nações construam pontes e não muros entre elas²⁰. Francisco tem visitado muitos países e dialogado com diferentes grupos étnicos e políticos.

Contudo, o grande desafio que Francisco terá que enfrentar é dentro da própria Igreja Católica, sobretudo no que diz respeito às acusações de abuso sexual envolvendo padres da Igreja Católica e escândalos financeiros também envolvendo pessoas próximas ao Papa, casos estes que não são tão diferentes daqueles que foram denunciados pelos filósofos da Ilustração no século XVIII.²¹

Assim, podemos dizer que estamos vivendo em uma sociedade secular, tal como foi anunciada pelos

filósofos da Ilustração, e o Papa Francisco tem plena consciência disso. Cabe ao sumo pontífice a tarefa de acompanhar com o seu olhar atento e arguto as mudanças que já estão em curso no mundo e conduzir a Igreja Católica e a Ordem Jesuítatentando conciliarfé e razão, pregando em seus discursos, mais principalmente praticando em suas ações, um jesuitismo pertencente a uma corrente de pensamento que podemos batizar de « Jesuitismo Iluminado », uma combinação de algumas ideias jesuítas e de outras oriundas do Movimento das Luzes, ideias que dialogam, se completam e que procuram atender aos grandes desafios do mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao remexermos o baú do passado, defrontamos-nos com a história da *Lenda Negra Jesuíta* e logo percebemos que poucas aventuras coletivas marcaram tão poderosamente nossa civilização como aquela da Companhia de Jesus. Desde a sua fundação, a ação moralizadora e ordenadora da Companhia de Jesus gerou entusiasmos diversos mas também muitas reações. A verdade é que, entre afetos e desafetos, suspeitas e intrigas, em meio a tantas controvérsias, os jesuítas foram tecendo seu próprio destino, os seguidores de Santo Inácio conseguiram a proeza de marcar a sua presença no mundo, principalmente através da educação transmitindo suas ideias e valores.

Apesar da agenda de infortúnios vivida pelos jesuítas no século XVIII, de toda a catástrofe que se abateu sobre a Companhia de Jesus e que resultou na extinção oficial da Companhia, parece mais do que evidente pelos atuais estudos historiográficos que a ordem conseguiu subsistir parcialmente até a sua tão sonhada restauração.

O martirológico dos jesuítas só testemunhou o quanto os seus inimigos foram imprevidentes em subestimar a capacidade de rearticulação dos inicianos que nos subterrâneos da clandestinidade trabalharam pela “ressurreição da Companhia” ou, melhor dizendo, pelo retorno da ordem “ao teatro do mundo”.

Um dos aspectos que contribuíram para a refundação da ordem foi justamente o fato de a Companhia de Jesus ser um companhia de vocação transnacional

com ramificações em vários países. Ao examinarmos o sistema administrativo da Companhia de Jesus, tão bem elaborado por Inácio de Loyola, constatamos o quanto o seu fundador foi visionário e providente ao criar uma ordem religiosa sem fronteiras, multicultural e presente em quase todos os países.

A exigência da meta de internacionalização permitiu que a Companhia se expandisse, setornasse autônoma e poderosa. Se os jesuítas tivessem cedido às pressões de alguns governantes e nacionalizado a ordem, a Companhia de Jesus certamente não teria sobrevivido ainda mais nos dias atuais em que vivemos em tempos de globalização.

No que diz respeito aos filósofos da Ilustração, muitos deles discípulos dos jesuítas, eles se beneficiaram da herança religiosa, cultural e política dos jesuítas, mas viveram em outro contexto político e histórico, inspirados por outras correntes de pensamento, questionaram a tradição e muitas das ideias propagadas pelos mestres jesuítas, ideias estas que acabaram sendo ressignificadas no grande projeto da Enciclopédia.

Ao longo da nossa reflexão, pudemos atestar que os filósofos da Ilustração perceberam de início que conhecimento era poder. O programa das Luzes materializado na Enciclopédia teve como base o princípio da autonomia, que transformou profundamente a vida das pessoas, das sociedades e teve o mérito de ajudar a separar o poder temporal do espiritual, ocasionando um equilíbrio maior entre os poderes.

O Movimento das Luzes foi um movimento de emancipação que fez com que o sujeito humano tomasse as rédeas do seu destino individual e político. Logicamente que princípios como autonomia, laicidade, verdade, humanismo e universalismo, valores que promovem a igualdade, a justiça social, a fraternidade e a paz, difundidos desde a Antiguidade e entre diferentes povos, não são ideias exclusivas do Século das Luzes.

Ao analisarmos o Movimento das Luzes, ficou evidenciado que ele foi um movimento muito mais de debate do que propriamente de consenso. A exemplo da herança jesuíta, a herança deixada pelas Luzes também deve ser submetida ao exame crítico do passado, pois as Luzes pertencem ao passado já que existiu - o Século das Luzes - e devemos confrontar lucidamente as suas

consequências desejáveis e indesejáveis. Em outras palavras, não esqueçamos que foram feitas interpretações indevidas, comprovados desvios das ideias iluministas que foram inclusive usadas para prender e matar pessoas, para “justificar” o colonialismo e outros genocídios.

Terminamos a nossa reflexão avançando para o século XXI com a eleição do Papa Francisco. Sem dúvida nenhuma, a Companhia de Jesus inaugurou o século XXI em grande estilo, produziu mais um notável jesuíta, deu a um mundo tão carente de lideranças um novo e carismático líder, permitindo assim, mais uma vez, que a profecia inaciana se cumprisse: “os jesuítas mudarão a face do mundo”. Francisco é a “grande revelação”, a grande aposta dos jesuítas nesse século. Profundamente esclarecido, o Papa tem levantado a bandeira de um “Jesuitismo Iluminado” mais tolerante, fraterno e por isso mesmo mais humano, mais condizente com a realidade do nosso tempo.

Em suma, a opinião pública, essa criação do Movimento das Luzes, deposita grandes esperanças nesse novo líder jesuíta: católicos e não católicos, jesuítas e antijesuítas, homens e mulheres, jovens e velhos, todos aguardam com expectativa as novas “reformas” propostas por Francisco. Os países democráticos esperam uma postura mais transparente e moralizadora do novo líder da Igreja Católica, sobretudo em relação à própria Igreja, que deve ser a primeira a dar exemplo daquilo que prega. Vamos aguardar os próximos capítulos....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENZ, Karl Heinz. Além das doutrinas e rotinas: índios e missionários nos aldeamentos jesuíticos da Amazônia portuguesa (séculos XVII e XVIII) In: *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.3, n. 2, p. 63-88, 2014.

BAPTISTA, Jean. *O Eterno: Crenças e Práticas Missionais*. São Miguel das Missões: Museu das Missões-IBRAM, 2010.

BERGOGLIO, Jorge Mario. *Meditaciones para religiosos*. Buenos Aires: Ediciones Diego de Torres, 1982.

_____. *La nación por construir: utopía, pensamiento y compromiso*. Buenos Aires: Editorial Claretiana, 2005. 78 p.

_____. *Corrupción y pecado subtítulo: algunas reflexiones en torno al tema de la corrupción*. Buenos Aires: Editorial Claretiana, 2005.

_____. *Encontro em prol da liberdade religiosa com a comunidade hispânica e outros imigrantes*. Disponível em <http://www.vatican.va>. Acesso em: 30 de março de 2016.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos. *A Escritura do Intervalo: A Poética Epistolar de Antônio Vieira*. São Leopoldo, 2008, p.15.

BETTIOL, Maria Regina Barcelos e HOHLFELDT, Antonio. *O Século das Luzes: Uma Herança para Todos*. Porto Alegre: Tomo/ Movimento, 2009.

BUENO, Eduardo. *Brasil, uma história: a incrível saga de um país*. Porto Alegre: Jornal Zero Hora, 1996.

CÂMARA, Jaime de Barros. *Apontamentos de História Eclesiástica*. Petrópolis: Editora Vozes, 1957.

CHARTIER, Pierre. *Vies de Diderot*. Paris: Hermann, 2012.

CHARTIER, Roger. *As origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de George Schlessinger. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS E NORMAS COMPLEMENTARES. São Paulo: Loyola, 2004.

DAINVILLE, François de. *L'Éducation des jésuites (XVIIe-XVIIIe siècles)*. Paris: Edition de Minuit, 1978.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos*. RJ: Graal, 1986.

_____. O alto iluminismo e os subliteratos. In: *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O iluminismo como negócio: história da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800*. Trad. Laura Teixeira Motta e Maria Lucia Machado. SP: Companhia das Letras, 1996

_____. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEMOUSTIER, Adrien (et al.). *Ratio Studiorum: plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus*. Paris: Belin, 1997.

ENCYCLOPÉDIE DE DIDEROT ET D'ALEMBERT OU DICTIONNAIRE RAISONNÉ DES SCIENCES, DES ARTS ET DES MÉTIERS. CD-ROM edition, Paris: Redon, 2001.

FABRE, Pierre Antoine. La Suppression de la Compagnie de Jésus (1773) : Interprétations eschatologiques et hypothèses historiographiques In: *E-Spania*. Disponível em <http://e-spania.revues.org>. Acesso em: 7 de junho de 2016.

FABRE, Pierre Antoine & MAIRE, Catherine (eds). *Les Antijésuites: Discours, figures et lieux de l'antijésuitisme à l'époque moderne*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2010.

FRANCO, José Eduardo. *Gênese e mentores do antijesuitismo na Europa Moderna*. Lisboa: CLEPUL, 2012.

HASKELL, Francis. *Mecenas e pintores*. Arte e Sociedade na Itália Barroca. EDUSP, 1997.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1997.p.5.

LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas*. 1. Os conquistadores .Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre:L&PM; 1994.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols. Lisboa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950.

LEITE, Edgard. Antijesuitismo no Brasil. In: *Revista de Estudos de Cultura*, n.2, p. 51-59, Jan/Abr, 2015.

LEPAPE, Pierre. *Voltaire le conquérant : naissance des intellectuels au siècle des Lumières*. Paris : Seuil, 1997.

LOPES, José M. M. Ratio Studiorum: um modelo pedagógico. In: MIRANDA, Margarida (Org.). *Código Pedagógico dos Jesuítas: Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*. Regime escolar e curriculum de estudos. Lisboa: Esfera do Caos, 2009.

LOYOLA, Inácio de. *Obras completas de San Ignácio de Loyola*. Madri : Biblioteca de Autores Cristinos, 1952, v. 15.

LOYOLA; Santo Inácio de. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RUBIN, Sergio & AMBROGETTI, Francesca. *Papa Francisco: conversas com Jorge Bergoglio*. Lisboa: Paulinas Editora, 2013.

SCHMITZ, Egídio. *Os jesuítas e a educação: a filosofia educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

TODOROV, Tzvetan. *O Espírito das luzes das Luzes*. Trad. Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008, p. 13-14.

NOTAS

1 Apenas para citarmos os exemplos mais conhecidos, Voltaire e Denis Diderot foram alunos de Colégios Jesuítas. A esse respeito ler LEPAPE, PIERRE. *VOLTAIRE LE CONQUÉRANT*. Paris: Seuil, 1994 e CHARTIER, Pierre. *Vies de Diderot*. Paris: Hermann, 2012.

2 ENCYCLOPÉDIE DE DIDEROT ET D'ALEMBERT OU DICTIONNAIRE RAISONNÉ DES SCIENCES, DES ARTS ET DES MÉTIERS. CD-ROM edition, Paris: Redon, 2001.

3 Ler HASKELL, Francis. *Mecenas e pintores*. Arte e Sociedade na Itália Barroca. EDUSP, 1997.p.151-152.4 Para maior compreensão desse plano de estudos ler os textos de SCHMITZ, Egídio. *Os jesuítas e a educação: a filosofia educacional da Companhia de Jesus*. São Leopoldo: Unisinos, 1994 e LOPES, José M. M. *Ratio Studiorum: um modelo pedagógico*. In: MIRANDA, Margarida (Org.). *Código Pedagógico dos Jesuítas: Ratio Studiorum da Companhia de Jesus*. Regime escolar e curriculum de estudos. Lisboa: Esfera do Caos, 2009. p. 37-51.

- 5 Ler ARENZ, Karl Heinz. Além das doutrinas e rotinas: índios e missionários nos aldeamentos jesuíticos da Amazônia portuguesa (séculos XVII e XVIII) In: *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.3, n.2, p. 63-88, 2014.
- 6 Especialista da história da França do século XVIII, Robert Darnton (1996, p. 401-402) afirma: “A própria escala de publicação da Enciclopédia indica a importância do enciclopedismo, pois, como unanimemente concordavam seus amigos e inimigos, a obra representava algo maior que ela própria, um movimento, um princípio”. DARNTON, Robert. *O iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia*. Trad. Laura Teixeira Motta e Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- 7 Em seu livro *Os dentes falsos de George Washington*, Robert Darnton (2005, p. 19) defende a tese de que os filósofos da ilustração formavam também uma elite, que a “despeito das tendências de nivelamento inerentes a sua fé na razão, eles almejavam alcançar as posições de comando da cultura e iluminar de cima para baixo”. DARNTON, R. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 8 Vale mencionar que Roger Chartier (2009, p.316) inverte o postulado de que a Revolução Francesa é produto das Luzes: “Não foi o Iluminismo que inventou a Revolução Francesa, mas os desdobramentos da Revolução que legitimaram o Iluminismo”. CHARTIER, Roger. *As origens culturais da Revolução Francesa*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- 9 A esse respeito ler: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993 e *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- 10 Devemos esclarecer que na tradição das Luzes a crítica representava um movimento duplo isto é, de crítica e de reconstrução (TODOROV, 2008, p.61).
- 11 BERGOGLIO, Jorge Mario. *Encontro em prol da liberdade religiosa com a comunidade hispânica e outros imigrantes*. Disponível em <http://www.vatican.va>. Acesso em: 30 de março de 2016.
- 12 FABRE, Pierre Antoine & MAIRE, Catherine (eds). *Les Antijésuites: Discours, figures et lieux de l'antijésuitisme à l'époque moderne*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.
- 13 No que diz respeito ao contexto brasileiro, Edgard Leite (2015, p. 53) explica: Atitudes de hostilidade à Companhia de Jesus no Brasil verificaram-se desde o primeiro momento da chegada dos inicianos, em 1549. A Companhia de Jesus tinha como objetivo a transformação da vida religiosa e do cotidiano civil da colônia [...]. As ações pombalinas tinham identificado o universalismo jesuítico como essencialmente hostil aos anseios autonômicos nacionais, e esse aspecto da questão moldava a visão de muitos sobre o papel do padroado naquele momento, no país, e alimentava fantasias sobre o perfil subversivo dos inicianos. LEITE; Edgard. O Antijesuitismo no Brasil. In: *57 Revista de Estudos de Cultura*, n. 02, p. 51-59, mai/ago.2015.
- 14 CÂMARA, Jaime de Barros. *Apontamentos de História Eclesiástica*. Petrópolis: Vozes, 1957.
- 15 FABRE, Pierre Antoine. La Suppression de la Compagnie de Jésus (1773) : Interprétations eschatologiques et hypothèses historiographiques, In: *E-Spania*. Disponível em: <http://e-spainia.revues.org>. Acesso em: 7 de junho de 2016.
- 16 Já Jean Lacouture nos chama a atenção para a palavra chave empregada pelos jesuítas, que é a palavra discernimento, um termo iniciano por excelência: só poderia operar a partir da pluralidade, essa arte de distinguir o essencial do secundário, o urgente do banal, de reconhecer a primazia do “dever de estado”. Diríamos mais, os jesuítas sabiam

que o mundo tem muitas versões e era cheio de armadilhas, sobretudo na esfera do poder. Era preciso preparar-se para enfrentar os grandes desafios, os grandes debates do mundo (LACOUTURE, 1999, p. 38).

- 17 Ler a biografia escrita sobre o Papa Francisco: RUBIN, Sergio & AMBROGETTI, Francesca. *Papa Francisco: conversas com Jorge Bergoglio*. Lisboa: Paulinas Editora, 2013.
- 18 Op. cit, p.9.
- 19 BERGOGLIO, Jorge Mario. *Meditaciones para religiosos*. Buenos Aires: Ediciones Diego de Torres, 1982.
- 20 BERGOGLIO, Jorge Mario. *La nación por construir: utopía, pensamiento y compromiso*. Buenos Aires: Editorial Claretiana, 2005.
- 21 BERGOGLIO, Jorge Mario. *Corrupción y pecado subtítulo: algunas reflexiones en torno al tema de la corrupción*. Buenos Aires: Editorial Claretiana, 2005.

O AUTOR

Maria Regina Barcelos Bettiol é graduada em Letras pela PUC-RS (1994). Mestre em Literaturas Francesa e Francófonas pela UFRGS (1998). Doutora em Letras (Littérature Générale et Comparée) pela Université Sorbonne Nouvelle Paris III (2008) e Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS (2008). Pós-doutorada em Teoria da Literatura pela Universidade de Coimbra (2014). É Membro integrante do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Universidade de Lisboa, Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/Brasil) e Membro da Société Internationale d'Études Jésuites (SIEJ/PARIS). Atualmente, é investigadora CAPES PNPd na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

